Jacqueline Myrna, Paulo José: "As Amorosas".

JACQUELINE MYRNA ATRIZ EM ASCENSÃO

Entrevista a Alfredo Sternheim

A televisão no Brasil, ao contrário do que sucede em países da Europa e nos Estados Unidos, mantém escassas relações com o cinema. Devora filmes e, eventualmente, vale-se de atôres de cinema para o exercício melodramático de suas "novelas". A seu favor conta um álibi: a descoberta de alguns intérpretes que o cinema vem aproveitando. Um exemplo convincente: Jacqueline Myrna.

As Amorosas — seu filme favorito — devolve Jacqueline ao mundo da televisão. A personagem criada pelo cineasta Walter Hugo Khouri é uma jovem atriz que (ao contrário da intérprete) obtém suas primeiras chances no vídeo exclusivamente com a exploração de seus atributos físicos. O papel exige muito, incluindo, quando cria um "espetáculo (TV) dentro do espetáculo", deliberadas citações cênicas de Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Carlitos. "É um papel complexo, ótimo justamente pela versatilidade" — diz Jacqueline. "Khouri me ajudou muito em sua composição".

Jacqueline nasceu na Romênia. Veio para o Brasil (1959) "via" França, onde residiu alguns anos. Aos 17 anos sua beleza e fotogenia chamaram atenção do fotógrafo Constantin Tkaczenko, que pretendeu lança-la de imediato no cinema. O projeto só se concretizou em 1965, quando Tkaczenko realizou em colaboração com Ruy Santos *Amor na Selva*, um melodrama de aventuras. Outro filme da etapa inicial de sua carreira: *A Desforra*, de Gino Palmisano.

A imagem de Jacqueline começou a "ficar" na retina do grande público através da televisão paulista, onde conseguiu invulgar sucesso como animadora de programas infantis. Cantou em espetáculos de TV, teatrais e de boates. Fêz teatro de comédia. Interpretou o segundo papel feminino de *Riacho de Sangue*, de Fernando de Barros, a protagonista do segundo episódio (direção: Walter Hugo Khouri) de *As Cariocas* e um dos papéis mais expressivos de *Cangaceiros de Lampião*, de Carlos Coimbra. Por sua atuação em *As Cariocas* conquistou o Prêmio Governador do Estado (São Paulo) de 1966.

Agora, entre vários projetos, Jacqueline destaca o convite que recebeu para uma produção franco-brasileira que a interessou pelo argumento: uma adaptação do clássico de Gustave Flaubert "Madame Bovary" — papel já interpretado no cinema por Valentine Tessier (versão Renoir), Pola Negri (direção de Gerhard Lamprecht), Mecha Ortiz (versão argentina, de Carlos Schlieper) e Jennifer Jones (na realização de Minnelli).

O sonho de fazer cinema sempre a possuiu, desde criança. Vê campo propício a enraizá-lo na realidade com os últimos passos de sua carreira e a atual efervescência do cinema brasileiro. "O futuro do cinema brasileiro é muito promissor, já que deixaram de existir certas dificuldades de outrora e nossos produtores contam com uma legislação de estímulo mais ampla. Já é um cinema realmente conhecido no Exterior e se aperfeiçoa dia a dia".

Perguntamos sôbre sua maneira de trabalhar. "Eu me adapto muito ao diretor e ao trabalho que estou fazendo. Não sou uma das atrizes rebeldes, que tentam impor-se indisciplinadamente, embora seja fiel aos meus pontos de vista. Sempre satisfaço minhas dúvidas em franco diálogo com o diretor. Confio. E, se tenho alguma sugestão contrária à sua orientação, exponho-a. Enfim, procuro manter o maior diálogo com o diretor'".

Jacqueline é assídua freqüentadora de cinema. Gostaria de fazer um

Jacqueline protagonista de "As Cariocas", segundo episódio.

filme como *A Religiosa*, de Jacques Rivette: "o papel de Suzanne Simonin dá margem a um trabalho excepcional — o de Anna Karina é admirável". Tem grande admiração por Shirley MacLaine, "sua capacidade de conciliar o drama e a comédia".

Quando a televisão e o cinema permitem, lê muito e sem ortodoxia. Stendhal e Agatha Christie, Huxley e Simenon, Graham Greene e John Steinbeck. E escreve. Atualmente trabalha um romance e uma série de poemas, que pretende ver em letra de fôrma.

Demonstra grande interêsse pelas realizações do INC, os trabalhos de FILME CULTURA, lê críticos de cinema do Rio e de São Paulo. Tudo o que se relaciona com cinema a interessa. O cinema é um sonho que Jacqueline faz questão de viver com os pés na realidade.

Sob a direção de Khouri, "As Cariocas".